

**A FESTA DO MASTRO EM CAPELA: CULTURA, IDENTIDADE E FESTEJOS JUNINOS EM SOLO SERGIPANO.**Rosangela Vilela Sobral Lima<sup>1</sup>Leylane Meneses Martins<sup>2</sup>Denio Santos Azevedo<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho é o resultado da pesquisa que objetivou compreender a relação entre festas populares e identidades, a partir da análise da Festa do Mastro em Capela/SE, durante os anos de 2012 a 2015. A pesquisa buscou analisar historicamente a origem da festa e alguns aspectos do seu processo histórico, com o intuito de apresentar os elementos característicos deste festejo, os principais personagens e as transformações e manutenções ocorridas nesta celebração a São Pedro na localidade em questão. A Festa aqui analisada faz parte do calendário junino do Estado de Sergipe e configura-se como uma tradição cultural e identitária do município de Capela. Para tal, foi necessário o aprofundamento do tema por meio de revisão bibliográfica e documental, observação direta participante, em Capela/SE durante os dias da festa e entrevistas semi-estruturadas, realizadas com os atores sociais envolvidos neste evento, tendo a aplicação de questionários com os frequentadores da festa, durante os dias do festejo. Nesse sentido, por meio da pesquisa, foi possível perceber que os residentes se identificam com a festa e orgulham-se em ter “a melhor festa de São Pedro do Brasil”. As pesquisas demonstram ainda, que o festejo auxilia na valorização das práticas culturais dos capelenses e na sensibilização sobre a importância da Festa do Mastro, enquanto fator de desenvolvimento sócio-econômico e cultural.

**Palavras-chave:** Festejos Juninos, Identidade, Festa do Mastro, Capela/SE

**1. MEMÓRIA, CULTURA E FESTAS: UMA INTRODUÇÃO**

As celebrações cíclicas vinculadas aos eventos e marcos religiosos são características do calendário judaico-cristão adotado no Brasil. No nordeste brasileiro, tais comemorações são representadas por novenas, festas de padroeiras, procissões, pelo ciclo natalino e os festejos juninos. Todas estas com funções múltiplas, simbolismos, representações comuns e especificidades locais que auxiliam na manutenção destes eventos. As mudanças ocorridas na sociedade sejam elas na política, economia ou nas

---

<sup>1</sup> Graduanda em Turismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do Grupo de Pesquisa “Turismo e Identidades-Consumo: Planejamento, usos e reflexões” (DTUR/UFS) E-mail: [rosangelaavilela@gmail.com](mailto:rosangelaavilela@gmail.com)

<sup>2</sup> Bacharel em Turismo pela Faculdade de Sergipe - FaSe. Graduanda em Administração pela Universidade Tiradentes - UNIT. E-mail: [leylaneturismo@yahoo.com.br](mailto:leylaneturismo@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Professor Doutor do curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: [denio\\_azevedo@yahoo.com.br](mailto:denio_azevedo@yahoo.com.br)

práticas religiosas alteram de forma significativa a vivência dos atores sociais que (re) memoram e (re) vivem as festas todos os anos.

Tais acontecimentos ocorrem em um contexto de celebração que tem um fundo religioso em uma cidade nordestina, localizada no estado de Sergipe, a Festa do Mastro no município de Capela. A festividade é uma das práticas culturais de maior continuidade entre os sergipanos, que chega a 78ª edição este ano, e é um dos exemplos do simbolismo característico dos festejos juninos. Todo o ano ocorre uma rememoração das práticas culturais, sempre no mesmo período, onde existe a busca de um mastro no Refúgio da Vida Silvestre Mata do Junco, que deverá ser levantado em praça pública e preenchido com presentes que foram doados pelos moradores para que sejam disputados pelos interessados.

Todo esse processo de rememoração perpassa por aspectos que são importantes para a valorização e fortalecimento das ações existentes na comunidade. Como primeiro aspecto, pode-se falar da memória, que consiste em reviver, rememorar e vivenciar de uma forma diferente algo de importante que ocorreu no passado.

a memória é produto social, produto de um sistema posto sobre determinadas características ou fatos sociais, espaciais e temporais, e composto por grupos de pessoas que nas suas relações compartilham ou assimilam informações, e com isso constituem memórias. (VALES, 2009, p. 04)

Assim, ao falar de memória podemos perceber a interação que existe entre os atores sociais, que compartilham experiências através do que já viveram. Podemos ainda, reforçar a identidade de uma sociedade (sob o aspecto cultural) e auxiliar a compreender a sua importância junto à mesma, onde os sujeitos que estão inseridos nesse contexto, e àqueles que vieram após essa construção histórica, possam conhecer, valorizar e respeitar o que fez de melhor.

Essa identidade vem ligada à memória dos habitantes de um determinado local, como afirma Martins (2003, p. 43), ao definir identidade como “nada mais é que a consequência de pertencer a um grupo ou comunidade culturalmente homogênea e socialmente definida”. É a relação que o indivíduo possui com o meio, e que auxilia de forma cultural e social, para a sua formação e o seu crescimento dentro da sociedade.

A construção da identidade dá-se através da sua inserção no meio em que vive e com quem ele convive ao longo do tempo, e é a partir dessa relação construída que ele passa a formar as suas ideias, pensamentos e atitudes. E assim como a identidade, a cultura também é construída ao longo do tempo, sendo que a cultura pode ser transmitida oralmente ou documentada de um indivíduo para outro.

De origem inglesa *culture*, a palavra cultura carrega conhecimentos, crenças, costumes ou hábitos adquiridos pelo homem (BARRETO, 2007. p.16). A cultura apresenta-se de forma dinâmica, já que dentro do seu processo de construção, a sociedade está inserida e auxilia para que ela seja entendida, ou seja, a cultura pode ser compreendida como um conjunto de conceitos, ideias ou valores que são criados pela sociedade de forma coletiva ou não, garantindo a criação e manutenção de laços culturais. Segundo Nazareth (2010, p 10), a cultura é o “cimento que aglutina a sociedade, determina comportamento, pois permeia as interações sociais”. Assim sendo, a cultura tem como finalidade educar os atores sociais e fazer com que eles se encontrem enquanto agentes multiplicadores de experiências, para que a sua tradição possa existir para a comunidade e para a sociedade por mais tempo.

Assim, essa relação faz com que percebamos que memória, cultura e identidade andam juntas, já que não há crenças, costumes ou hábitos sem que as pessoas se identifiquem, sem que elas percebam que existe um pedaço de si naquele local, ambiente ou monumento. Essa identificação acontecerá a depender do local que o sujeito está inserido.

Se o sujeito de uma determinada comunidade, com diversas manifestações artísticas e culturais, paisagens, artefatos ou monumentos, não percebe desde o seu processo de formação que estes são importantes para a valorização da (sua) identidade, ele não irá considerar aquilo como tal. Porém, se o ambiente que ele participa, colabora e transmite a ideia de proteção e valorização desse patrimônio, ele (a) terá entendimento e buscará meios de protegê-la, seja ajudando na manutenção, ou transmitindo o que aprendeu para a sua comunidade e descendentes, mas o importante é que ele já irá ter o entendimento de que aquilo é importante para ele e para a sua comunidade.

Esse entendimento de preservar, manter e continuar, é que dá a ideia de patrimônio, que segundo Bonjardim (2010, p. 5), é uma palavra derivada do latim – *patrimonium* – e significa “herança paterna, riqueza”. Esse termo sempre esteve ligado na área de Direito, já que se refere a tudo aquilo que possui registro independente de ser um bem ou não, para que seja feito uma inventariação dos bens de uma família ou Estado.

Quando este conceito começou a compreender todo recurso de caráter histórico que demonstre traços característicos de uma sociedade, como prédios antigos, casas, museus, passou então a relacionar-se ao conceito de patrimônio, porém àquele de “pedra

e cal”. Este patrimônio, classificado como um bem material tangível, refere-se a todo tipo de construção ou

[...] conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. (IPHAN)<sup>4</sup>

Os bens tangíveis de caráter memorável fazem com que vivamos um pouco do passado de uma comunidade, através das edificações antigas, restauradas ou não, além de ser visto como um patrimônio para a comunidade, quando a mesma o trata como tal, através de um processo técnico e político. No Brasil, o patrimônio cultural material privilegiou durante décadas o tombamento de bens tangíveis, que ressaltavam e preservavam as construções vinculadas as instituições sociais dominantes como o estado, a igreja ou as famílias que se destacaram na política ou na economia, principalmente durante a colônia ou império. Com isto, vilas operárias, quilombos urbanos e variadas representações de grupos sociais menos favorecidos foram estrategicamente esquecidas.

Já o conceito de Patrimônio Cultural Imaterial, segundo a definição da UNESCO<sup>5</sup> são “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas [...] que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”. Este é transmitido de geração para geração, sofrendo mudanças durante o decorrer do tempo, mas fazendo com que esse tipo de cultura reforce a identidade e a cultura local.

Reconhecer uma prática cultural, além de valorizar o passado de uma comunidade, é também uma forma de inserir a própria comunidade dentro de um contexto social, outrora esquecido. A partir do momento que há um resgate cultural, onde é feita uma política de valorização para que haja um resgate identitário, a população poderá ser sensibilizada e integrada ao projeto com o intuito de cuidar do que é seu, fazendo com que estes se reconheçam, ensinem e estimulem àqueles que não tiveram oportunidade de conhecer ou de ter um contato com uma característica típica do local:

As festas, costumes, danças, folguedos, histórias orais, podem servir para atrair a atenção e o interesse de muitas pessoas para conhecerem um pouco mais o lugar e destes costumes, muitas

---

<sup>4</sup> Disponível em [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br), Acesso em: 30 dez 2011

<sup>5</sup> Disponível em [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br), Acesso em: 30 dez 2011

vezes, inclusive, despertando nelas um desejo íntimo de vivenciarem a festa junto com a própria comunidade. (MARTINS, 2003, p. 64)

Em 1972, tendo como meta o “incentivo à preservação e à conservação dos bens culturais e naturais de interesse para a humanidade” (ASSUNÇÃO, 2003. p. 45), ocorreu a Convenção sobre o Patrimônio Mundial, Cultural e Natural através da UNESCO, onde diversos países ocidentais perceberam a necessidade de se preservar o patrimônio cultural material, como construção de identidades culturais pelas mais diversas estruturas sociais.

Dentro desse contexto, entende-se que essas representações geradas a partir da comunidade estão relacionadas a qualquer tipo de manifestação cultural, como as festas, danças, comidas típicas e artesanatos, dando características a comunidade local. Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, surge pela primeira vez a denominação patrimônio cultural. A proteção dos bens imateriais surge de maneira inovadora no art 215 desta constituição, e é reafirmado no artigo 216 itens I e IV:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza [...] imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nas quais se incluem:  
I – as formas de expressão  
IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico culturais.

A partir do que define a Constituição Federal e o conceito abordado pela UNESCO, percebemos que já existia uma preocupação em abordar a importância das festas populares como Patrimônio Imaterial, já que este é citado dentro deste artigo. É interessante perceber o destaque dado na Constituição ao termo “portadores de [...] identidade, ação e [...] memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]” (idem). Identificamos que esses grupos possuem grande valor dentro da sociedade, pois os mesmos são os criadores desta, contribuindo direta e indiretamente para a formação do ser humano, tanto como pessoa e como instrumento de inserção da cultura do nosso país.

No Brasil, são inúmeras as manifestações populares existentes em todo o território, que caracterizam cada região de acordo com o seu modo de vida. As festas e danças folclóricas, manifestações mais comuns, simbolizam um momento importante para a comunidade, por ser um momento de sociabilização dentro da sociedade,

constituindo um modo de vida brasileiro. E isso faz com que esse tipo de manifestação ganhe uma importância social, política e econômica no ambiente a qual esteja inserida.

A festa é um fenômeno sociocultural que faz com que haja uma mudança de cotidiano, e possui diversas características, já que pode indicar apenas um momento de alegria entre a comunidade; uma comemoração de um fato importante, e não deixando de ser uma junção dos anteriores, uma celebração seja por um fator religioso ou não. O importante, é que ela possa atrelar a comunidade de forma prazerosa, independentemente de sua cor e posição social:

A festa é a expressão de uma expansividade coletiva, uma válvula de escape ao constrangimento da vida quotidiana. Da economia passa-se à prodigalidade; da discrição à exuberância. Surgem as manifestações de excesso, nos mais ricos por ostentação, nos mais pobres por compensação. (BIROU apud MELO, 2002, p. 166)

As festas, que se incluem como formas de manifestações culturais, sofreram no Brasil influências dos colonizadores portugueses, espanhóis, holandeses, africanos, dos indígenas e dos próprios brasileiros, resultando assim em uma grande diversidade de manifestações culturais, tais como as danças, celebrações de sentido religioso ou não, lendas, cantigas de roda, parlendas, entre outros festejos, que auxiliaram na construção cultural do nosso país. Nesse sentido, entende-se que as festas podem ser consideradas um patrimônio cultural, já que a partir dela, como o próprio Pinsky (2009, p. 38) afirma, podemos “conservar algo que ficou na memória coletiva”.

Na região Nordeste do país concentra-se a maior diversidade de manifestações culturais, pois desde a época do descobrimento essa região possuía a maior concentração de africanos e indígenas, trazendo para diversos Estados danças folclóricas como a taieira, Reisado, Samba-de-Coco, Chegança, São Gonçalo (vistas no estado de Sergipe). Costumes da culinária indígena, como a mandioca, o inhame entre tantos outros, e as lendas e cantigas que compõem o nosso folclore, percebendo-se então que todas essas vivências que foram passadas de geração para geração ao longo de todo esse processo histórico compõem o patrimônio cultural de uma comunidade, já que são estas características que definem o que se tem de singular em cada estado brasileiro.

## **2. A FESTA DO MASTRO DA CIDADE DE CAPELA/SE**

Em meados de 1930, Andrônico Melo, morador da cidade de Capela, é transferido para o município de Salgado, também localizado no estado de Sergipe, junto

com sua esposa e filhos<sup>6</sup>. Em Salgado, o funcionário da Receita Federal e seus familiares são convidados a participar de uma brincadeira semelhante a que hoje existe em Capela, e ao retornarem a sua cidade natal no final da década de 30, apresentaram a brincadeira a população.

Inicia-se então em 1939 a festa do mastro do município de Capela, organizada pelos irmãos Napoleão, Nelson, Wilson e Anderson Melo (mais conhecido como “Seu Derson”) com a adesão inicialmente de parentes, amigos e moradores do município.<sup>7</sup> A brincadeira consistia em recolher uma árvore na mata, seguindo em cortejo pelas ruas da cidade e deixá-la hasteada em um determinado local. No início, a árvore era recortada no Riacho do Curralinho e colocada em frente à casa de Napoleão Melo, localizada na rua da Palmeira, hoje Avenida Monsenhor Eraldo Barbosa de Almeida:

(...) no primeiro ano eles fizeram como uma espécie de pau de sebo e esse mastro era pego lá em Zé de Itabaiana, no Riacho Curralinhos. Como a mata acabou, passou a buscar na Mata do Junco e nos outros anos foi pego na Mata do Junco.<sup>8</sup>

Atualmente, o tronco é retirado da Mata do Junco, que possui uma reserva de Mata Atlântica no povoado Lagoa Seca dentro do município em questão, e hasteada na praça que hoje leva o nome de Praça Anderson Melo. À noite, ocorre à queima desse mastro na mesma praça com guerras de busca-pés, tiros de bacamartes e muita festa.

Para arrecadar mais presentes, a fim de auxiliar a Baiana surge então em 1960<sup>9</sup> a Sarandaia. A Sarandaia surge para contemplar as residências e ocorre sempre a partir das 23h do dia 31 de maio e se estende até o amanhecer do dia 01 de junho, e consiste no evento que dá abertura aos festejos juninos do município de Capela.<sup>10</sup> A ideia da festa surgiu por Ary Cabral Vieira ao ver uma festa parecida em Japaratuba.

Nessa noite, a população sai pelas ruas à procura de presentes que serão colocados no mastro, quando o mesmo é cortado e colocado na Praça Anderson Melo para que seja queimado na noite do dia de São Pedro. É nesse dia também, que a

---

<sup>6</sup>MELO, Carlos. Entrevista concedida à Rosangela Vilela Sobral Lima. Capela, 22 de abril de 2012.

<sup>7</sup> AQUINO, João. Entrevista concedida à Rosangela Vilela Sobral. Capela, 07 de abril de 2012.

<sup>8</sup> Cf. Melo, C.

<sup>9</sup> Disponível no trabalho “Os Donos da Festa” de Denilsa de Oliveira Santos, 2002.

<sup>10</sup> Apesar da Baiana ter sido criada primeiro, a mesma é feita sempre um dia antes à busca, enquanto a Sarandaia passa a ocorrer primeiro que está. Em uma das entrevistas houve contradições ao afirmar que a Sarandaia ocorreu primeiro à baiana, nos mostrando que a memória em algumas ocasiões pode falhar deixando questionamentos para outras gerações, podendo estas serem respondidas através da pesquisa de campo.



prefeitura lança toda a programação da festa, iniciando assim os preparativos para o grande dia.

Ao som dos bacamarteiros, a população segue em busca dos presentes cantando músicas como “Oia a Sarandaia, oia a Sarandaia, acorda minha gente que já vem a Sarandaia”, alertando os moradores da cidade que está na hora de presentear-los. Ao parar nas portas, seguem a cantoria “Ô seu José (se for o caso) abra a porta que eu quero beber(tris) / hoje é primeiro de São João, abra essa porta para nós beber/ se não tiver cachaça traga dinheiro para nós pagar o zabumbeiro”.

Toda essa prática de sair à noite em busca de presentes é acompanhada há quase 60 anos pela população capelense, composta por idosos, crianças e adolescentes, que sabem da importância dessa tradição e sentem-se participantes nesse processo cultural. Hoje em dia, com a inserção de bandas na abertura dos festejos juninos, através de uma iniciativa da prefeitura, muitos não passam a acompanhar o cortejo como antigamente, havendo uma divisão entre tradição e a invenção dos gestores municipais e empresários do setor.

Como a festa sempre foi organizada pela família Melo e amigos, os mesmos sempre ficaram responsáveis pelos seus custos. A partir da década de 60, a festa passa a contar com a ajuda financeira da prefeitura do município, tendo nos anos seguintes a presença de uma comissão responsável pela sua organização.<sup>11</sup> A princípio, a comissão era escolhida pelos seus fundadores e a prefeitura colaborava apenas financeiramente, pois a brincadeira ainda era considerada como uma festividade privada. Somente na década de 1980 é que a comissão passa a ser instituída por decreto municipal assumindo assim a prefeitura uma maior participação na organização do festejo, e posteriormente ainda na década de 1980<sup>12</sup> a prefeitura passa de mera colaboradora, a total organizadora dos festejos, fazendo com que a festa do mastro abandonasse seu caráter privado adquirindo assim caráter público, uma vez que a prefeitura assumira todas as despesas com os festejos além de instituir por decreto a comissão organizadora, lembrando que mesmo sob domínio público, a família Melo continuava presente nas decisões tomadas referentes à festa do mastro, uma vez que eram componentes da comissão organizadora do festejo.

---

<sup>11</sup> Cf. Melo, C.

<sup>12</sup> Cf. Santos, E.



Após a Sarandaia, ocorre a escolha do mastro. A escolha do mastro é feita através de uma marcação, e é o momento em que a população capelense sai para a mata do Junco para selecionar qual árvore irá ser cortada na manhã da festa. Antigamente, o mastro era marcado 15 dias antes da data em que o mastro seria queimado. Porém, em 1992, ficou acertado que a data seria no dia de Corpus Christie, pois sempre havia um impasse quando a data caía em algum feriado, ou algum dos organizadores estavam trabalhando ou não podiam comparecer (SANTOS, 2002, p. 46).

Feita a marcação do mastro, ocorre então à eleição da Rainha do São Pedro, que foi uma inovação trazida em 1991 (SANTOS, 2002, p. 43) pela secretária de cultura do município, Maria Zuleide Moura, como forma de trazer mais divulgação para a festa do São Pedro. Segundo Zuleide (*apud* SANTOS, 2002, p.45), sua ideia era fazer algo parecido com a Rainha do Milho, e como a festa seria para os festejos juninos do São Pedro, nada melhor do que fazer a Rainha do São Pedro.

O evento consistia em uma eleição com diversas meninas que se candidatavam para ser a Rainha. O primeiro concurso (SANTOS, 2002, p.45) ocorreu no Clube Social Carlos Oliveira Alves, tendo como primeira rainha, Cecília de Oliveira, que representou a casa do saudoso Zé do Disco. Devido à grande repercussão, hoje o concurso é feito no Ginásio de Esportes da cidade, sempre na primeira quinzena do mês de junho.

Na sexta-feira que dá início ao momento festivo, ocorre a missa do fogueteiro. Nessa solenidade é apresentado no altar os elementos que compõem a festa, como a banda de pífanos, os instrumentos musicais, os bacamarteiros, comidas típicas, fogos, a imagem de São Pedro e o próprio mastro, simbolizado por um galho de árvore retirado da mata do Junco<sup>13</sup>. O momento da referência é chamada de *vênia*, que significa licença ou permissão<sup>14</sup>.

O marco culminante dos festejos ocorre com a busca do mastro. Às 07h30min da manhã, a banda de pífano já se encontra preparada ao lado do mini-trio que irá acompanhar o cortejo em frente à Prefeitura Municipal, juntamente com a banda de pífano que vai à frente dos brincantes. Milhares de pessoas saem de suas casas e entre as praças da cidade começam a se melar de lama, caracterizando-se ao propósito do evento e se envolvem ao som do pífano que anuncia a sua chegada, e ao som do mini-trio, que vai tocando o *pout-porri* “Riacho do Navio/Balão Dourado”, música que se tornou tema

---

<sup>13</sup> Idem. Cf. Melo, C.

<sup>14</sup> Disponível em Dicionário Aurélio (2000. p. 706)

do percurso da Busca do Mastro. Os quase 10 km até a Mata do Junco ficam pequenos para tanta gente. Movidos a muita alegria, cachaça e muita lama, os veteranos se juntam aos que estão ali pela primeira vez, fazendo o batismo. A pessoa coloca-se ao chão e começa a ser melada para que entre no ritmo da festa.

Para que fique melhor ainda, a prefeitura disponibiliza carros pipa para que possa molhar o chão, e as pessoas que ali se encontram. Durante o percurso, tonéis de cachaça acompanham até o local para a retirada da árvore. Ao chegar à mata, os bacamarteiros que entram na reserva junto aos homens, saúdam o tronco escolhido antes do corte, e após diversas machadadas que levam o tronco ao chão, os participantes o colocam nos ombros para que seja refeito o trajeto anterior, sendo levado até a Praça Anderson Melo. Hasteado com os presentes arrecadados no dia da Sarandaia e pela Baiana, o mastro fica na praça até a noite, quando ocorre a sua queima. Para muitos turistas e próprios moradores da cidade, a busca do mastro é o momento mais importante da festa, onde não existe distinção de cor, raça ou status social:

(...) a gente percebe que a maioria dos turistas, no domingo, após o mastro, você já vê muita gente indo embora. Muita gente chega ao sábado à noite e já vão embora no domingo, após a festa do mastro, justamente porque é o sentido verdadeiro. Acho que o gostoso da festa, justamente, aquele momento, a busca, o pessoal todo sujo de lama, aquelas brincadeiras todas.<sup>15</sup>

O ato de brincar na lama reforça a ideia de tradição da festa, que é o momento da busca do mastro, que acontece com um caráter receptivo e animado. Os shows que ocorrem durante a noite, acabam sendo apenas um dos atrativos para a população. Porém, o que chama a atenção da comunidade e dos visitantes, e o que faz com que essa tradição perdure por todo esse tempo, é o desejo por algo diferente que é traduzido pela busca do mastro.

Durante à tarde do dia 29 de junho, dia de São Pedro, acontecia à tradicional cavalgada, quando as ruas da cidade são tomadas por diversos cavaleiros e amazonas em seus cavalos, burros, jegues, mulas, carroças e afins, sendo alguns totalmente enfeitados com o intuito de abrilhantar mais ainda a festa.

Na cavalgada ocorria também o casamento da viúva, onde ocorre a encenação de um casamento em cima de carroças enfeitadas tematicamente, que atravessam a cidade e arrastando os cavaleiros e amazonas para formarem o público convidado deste

---

<sup>15</sup> Cf. MENEZES, Zulmira Maria. Entrevista concedida a Jizélia Marques Santos. Capela/SE, 22 dez, 2001

casamento. Durante toda à tarde, mais precisamente das 14 horas às 18 horas, torna-se inviável percorrer as principais ruas da cidade por outro transporte que não seja o cavalo. Porém, com a interferência do poder público em inserir festas no horário que ocorria a cavalgada, esse elemento acabou não resistindo, deixando de acontecer.

À noite, por volta das 20 horas, tem início a queima do mastro na Praça Anderson Melo. O mastro fica repleto dos presentes que foram arrecadados tanto na Sarandaia quanto na baiana e fora erguido no período da manhã. A queima consiste em uma guerra de busca-pés com o intuito de “acender” o mastro e fazer com que o mesmo venha ao chão.

Além desses eventos, ocorrem também atrações em todos os dias da festa, que dependendo da administração, pode durar entre três e cinco dias. A inclusão dessas atrações surgiu entre as décadas de 80 e 90, (SANTOS, 2002, p. 74) trazendo diversas bandas<sup>16</sup>, que contagiaram e contagiam o evento, atraindo turistas de diversos locais, mesmo trazendo algumas consequências.

Com relação à aplicabilidade dos questionários, ao resgatar a história da festa, notamos que a mesma está presente no imaginário dos moradores, e que estes compreendem a importância que a festa apresenta para a cidade, movimentando a economia do município. O sentimento de pertencimento que existe nos entrevistados, que lutam a cada ano para a manutenção da tradição faz com que a festa continue viva em cada capelense. Se a comunidade junto com a comissão organizadora, não estivessem ativa e fiscalizando as tomadas de decisão da prefeitura com relação à festa, haveria risco da mesma não resistir às transformações sofridas pelo poder público, tendo como exemplo na própria festa, a finalização da cavalgada e do casamento da viúva, que foram extintas em virtude da inserção de bandas no horário em que as mesmas aconteciam.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todo esse ritual, que perdura há 78 (setenta e oito) anos, faz com que a Festa do Mastro, viva na memória da população de Capela e daqueles que já estiveram e participaram de todo esse processo. Através de sua tradição, é possível perceber que a

---

<sup>16</sup> Zezinho do Acordeon, Trio Itapuã, Roberto Alves, Josa e Joseane, Nando Cordel, Banda Raio da Silibrina, Dário de Capela, e bandas da atualidade como Aviões do Forró, Fogo na Saia, Calcinha Preta, Danielzinho e Forrozão Quarto de Milha, Zezé de Camargo e Luciano entre outros.

Festa do Mastro já ganhou forma no imaginário da comunidade, que sente orgulho de ter uma festa com essa dimensão dentro do seu município, e faz questão de dizer que o evento pode ser considerado “O Melhor São Pedro do Brasil”. A sua durabilidade e as características que a festa apresenta em todas as suas etapas, permitem que os moradores se sintam acolhidos e tenham o sentimento de pertencimento com relação a ela, fazendo com que lutem a cada ano pela sua manutenção.

Sendo assim, percebe-se que todas esses elementos que compõem a festa do São Pedro de Capela, exemplificam a participação da memória coletiva da cidade, que tenta manter todo esse conjunto de manifestações existentes na história do município em questão. O fato da prefeitura de Capela auxiliar na manutenção do evento e da sua tradição mostra a importância que esta festa possui dentro do município.

Porém, independente das modificações propostas pela prefeitura é necessário à preservação da tradição para que a festa continue viva e possa ser repassada para futuras gerações, onde sugerimos a consolidação e Registro deste festejo como um Patrimônio Cultural Imaterial desta cidade, salvaguardando os símbolos e toda a história e memória da festa, além de reafirmar o título de melhor São Pedro do Brasil para os seus residentes e frequentadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Patrimônio**. São Paulo, SP: Loyola, 2003.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

BONJARDIM, Solimar Guindo Messias. VARGAS, Maria Augusta Mundim. Almeida, Maria Geralda de. **Patrimônio e Educação: recortes para a educação cidadã**. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. 2010.

IPHAN: **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br) . Acesso em: 01/30 dez. 2011.

MARTINS, José Clerton de Oliveira (Org.). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo, SP: Roca, 2003.

MELO, José Marques. **As Festas Populares como Processos Comunicacionais: roteiro para o seu inventário, no Brasil, no limiar do século XXI**. PCLA – v.3, n.03, abril / maio / junho 2002. Disponível em:

<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista11/projetos%2011-1.htm> Acesso em: 20 dez. 2011.

NAZARETH, Ana Cláudia Ferreira da Fonseca Rodovalho. SOUZA, Marilda R.S. **Identidade, Cultura e Turismo:** Do pertencimento ao Turismo Cultural. In: Simpósio de Educação, Tecnologia e Sociedade, 2. 2010, Inhumas. Anais. Goiás: IFG, 2010. p. 09-15.

PINSKY, Jaime e FUNARI, Pedro Paulo. **Turismo e Patrimônio Cultural.** 4ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Denilsa de Oliveira. **Os donos da festa** (1939-1982) Monografia (Licenciatura em Historia) - Polo Regional de Própria. DHI. CECH. UFS. 2002.

SANTOS, Jizélia Marques. **Festa do Mastro de Capela-** 1983. Monografia (Licenciatura em Historia) - Polo Regional de Própria. DHI. CECH. UFS. 2002.

VALES, Tiago Pedro. **História e Memória:** Alguns Conceitos. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/historia-e-memoria-alguns-conceitos/43200/#ixzz3am4ILlCO> Acesso em: 21 mai. 2015